

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	V. 12	N. 2	p. 1-13	2006	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------	---------	------	----------------

**O TECIDO DA MEMÓRIA:
ALGUMAS PERSPECTIVAS DE TRABALHO HISTÓRICO
NAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM¹**

Jean-Jacques Courtine*

À memória de Denise Maldidier

“É preciso, então, renunciar à idéia de que o passado se conserva tal qual nas memórias individuais como se tivesse tirado dele tantas provas distintas quanto o número de indivíduos existentes. Os homens que vivem em sociedade fazem uso de palavras das quais compreendem o sentido: é a condição do pensamento coletivo. Ou cada palavra (compreendida) é acompanhada de lembranças e não há lembrança à qual não possamos fazer corresponder palavras. Falamos de nossas lembranças antes de evocá-las; é a linguagem e é todo o sistema das convenções sociais que lhe são solidárias que nos permitem a cada instante reconstruir nosso passado.”

(Maurice Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*,
Paris, Mouton, 1975 [1925], p. 279.)

RESUMO: Este artigo concorre para um duplo objetivo. Em primeiro lugar, render uma justa homenagem a Denise Maldidier que, juntamente com Jacques Guilhaumou, foi uma das primeiras profissionais da área da linguagem a construir uma reflexão forte sobre o diálogo entre Lingüística e História. Por último, realizar

* Jean-Jacques Courtine é professor da Université de Paris III.

¹ Este artigo foi publicado inicialmente na Revista *Langages* como texto de abertura. Tradução de Roberto Leiser Baronas & Nilton Milanez. Agradecemos ao Prof. Jean-Jacques Courtine pela sua amável autorização para a tradução e publicação deste artigo.

uma espécie de mapeamento dos principais trabalhos que se debruçam atualmente na França sobre o diálogo entre as Ciências da Linguagem e a História. Trata-se na verdade não apenas de realizar um balanço crítico desses trabalhos, mas de compreendê-los como condições de possibilidade para outros trabalhos que articulem História e Lingüística tendo a linguagem como tecido.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística. História. Discurso. Memória.

THE FABRIC OF MEMORY: SOME PERSPECTIVES OF THE HISTORIC WORK IN THE SCIENCES OF LANGUAGE

ABSTRACT: This article has two objectives. First, it honors Denise Maldidier who with Jacques Guilhaumou was one of the first professionals in the area of language to construct a strong reflection about the dialogue between linguistics and history. Second, it realizes a mapping of the principal works that are contemplated currently in France about the dialogue between the science of language and history. It does not only realize a critical balance of these works but also it understands them as possible conditions for other works that articulate history and linguistics taking language as fabric.

KEYWORDS: Linguistics. History. Discourse. Memory.

Qual lugar a perspectiva histórica ocupa hoje no campo das ciências da linguagem na França? Essa interrogação está, sem nenhuma dúvida, na origem deste trabalho que vamos ler. Não quisemos colocá-la, no entanto, sob essa forma geral, mas dar-lhe um conteúdo mais preciso, que permite não somente realizar alguns balanços, como também abrir novas perspectivas.

Sublinhemos imediatamente toda ambigüidade: a memória que estará em questão aqui não é aquela a partir da qual a psicolingüística, os neurocientistas ou os cientistas cognitivos estudam, tentando compreender certos processos. A memória que nos interessa aqui é a memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história. É nesse sentido que evocamos

inicialmente os trabalhos pioneiros de Maurice Halbwachs². Este último tinha, com efeito, pensado a linguagem como uma via de acesso essencial para a análise de quadros sociais da memória. Que a memória coletiva fosse compreendida no seio dos meios sociais nos quais ela se constitui e relaciona família, grupos religiosos, classes sociais, ou analisada nas formas individuais do sonho e da afasia, é sempre a linguagem que está, para Halbwachs, de maneira explícita ou implícita, no coração dos processos de memória: “As convenções verbais constituem, portanto, o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva”³.

É o mesmo laço entre linguagem e memória que acaba de ser colocado por Harald Weinrich no coração de seu ensino de lingüística no Collège de France: “... nas línguas nada acontece sem a memória, nada, nada”. Preocupado com “a indiferença despreocupada” dos lingüistas em relação à questão, Weinrich formula, então, o projeto para “repensar a lingüística a partir da memória” e nele esboça uma história cultural da memória na Europa. Ele concebe as ciências da linguagem como o lugar privilegiado de um encontro entre as diferentes problemáticas da memória. Contudo, isso se dará desde que a lingüística saiba “respeitar o rigor dos métodos científicos, deixando-se aberta às sugestões mais flexíveis da história cultural”.

Compartilhamos desse programa. Mas se “o rigor dos métodos científicos” não faz falta nas ciências da linguagem contemporâneas, a abertura “às sugestões (...) da história cultural” se tornou, ao contrário, uma mercadoria bastante rara.

Não é, entretanto, indiferente que essa questão seja colocada em diversos trabalhos nos últimos anos na lingüística francesa. A relação entre história e lingüística foi, com efeito, uma das interrogações teóricas inaugurais da Revista *Langages*, desde o final dos anos 60. Isso sob a forma de um projeto duplo: análise do discurso, de um lado, história da lingüística, de outro⁴.

² M. Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris/La Haye, Mouton, 1975 (1925; *La mémoire collective*, Paris, PUF, 1951).

³ M. Halbwachs, *Les cadres sociaux*.

⁴ Não enumeraremos aqui os diversos números de *Langages* e de *Langue Française* que foram consagrados desde a origem dessas revistas a um ou outro desses

Na primeira perspectiva, a relação entre história e lingüística foi concebida sob a forma de uma aliança interdisciplinar, geralmente pensada no quadro do marxismo. Sem entrar em detalhes dessa tentativa, limitar-nos-emos aqui a destacar que o projeto de análise do discurso que tinha se desenvolvido sobre tais bases se encontrava consideravelmente modificado pelas transformações dos objetos e dos métodos lingüísticos, mas também pelas mudanças da própria conjuntura teórica, o recuo, depois, o apagamento do marxismo na lingüística⁵. E porque quero incitar a uma reflexão sobre a memória, recente ou mais longínqua, da lingüística na França, não se pode mencionar a história dessas pesquisas sem evocar de imediato o papel representado por Denise Maldidier, falecida no verão de 1992. Ela soube, numa obra recente, restituir a memória desse projeto, lembrando-se da parte essencial que representaram os trabalhos pioneiros de Michel Pêcheux⁶. A dívida para com Pêcheux, de vários colaboradores desse número, é considerável. A minha, particularmente, devo lembrá-lo em homenagem à constância e à firmeza com a qual Denise Maldidier soube fazer de maneira que nós não o esquecêssemos.

aspectos, com a iniciativa de Jean Dubois; da mesma forma que não saberíamos nomear todos aqueles, historiadores ou lingüistas, que delas participaram: Denise Maldidier, Claudine Normand, Régine Robin, Jean-Claude Chevalier, Jacques Guilhaumou entre os primeiros, depois outros ainda...

⁵ NT. Ver: J-J Courtine, *Le discours introuvable (Marxisme et linguistique)*, 1965-1985), História, Epistemologia, *Langage*, 13-II (1991), p.153-171. Tradução brasileira "O discurso inatingível: marxismo e lingüística". Artigo traduzido por Heloisa Monteiro Rosário e publicado nos *Cadernos de Tradução*, nº 6, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

⁶ NT.Ver: D. Maldidier, *L'inquiétude du discours*, Paris, Éd. des Cendres, 1990. Tradução brasileira *A inquietação do discurso*. Livro traduzido em sua parte inicial por Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.

História e lingüística: a memória das ciências da linguagem

É preciso, portanto, de agora em diante fazer a seguinte constatação: no domínio dos trabalhos sobre o discurso que são ainda conduzidos em lingüística, as preocupações históricas recuaram em proveito de perspectivas formalizantes ou sociolingüísticas. Mas a história não está, por isso mesmo, ausente do campo das ciências da linguagem: é mais a natureza das interrogações históricas dos lingüistas que mudou.

Durante o mesmo período, com efeito, um importante trabalho de historiografia da lingüística foi realizado, seguindo os primeiros desenvolvimentos dos anos 60. Estamos, a partir de agora, bem longe da situação de então, quando não se dispunha, às custas de pesquisas pioneiras⁷, sequer de um ou dois manuais de história da lingüística⁸. Mas é, sobretudo, a perspectiva geral que mudou: a reflexão sobre a história da disciplina estava, com efeito, dominada pelo que poderíamos comodamente chamar a “saussurologia”, isto é, a idéia segundo a qual o advento de uma lingüística científica tinha se fundado sobre um “corte epistemológico”, que intervém no *Cours de Linguistique Générale*. Esse ponto de vista, do qual encontramos eco em uma variedade de trabalhos antigos ou mais recentes, consistia em projetar, mais tarde na história da lingüística, o modelo de cientificidade tardio que tinha se constituído com o estruturalismo inspirado pelo *Cours*. Tratava-se de reordenar toda a história do pensamento lingüístico a partir desse corte que supunha lhe dar retrospectivamente todo o sentido; e, portanto, legitimar, assim, *a posteriori* a existência do próprio corte. A memória circular foi um dos efeitos essenciais da colonização da perspectiva histórica pelo formalismo que domina o campo lingüístico, combinado com epistemologias da descontinuidade que reinavam, então, sobre a história das ciências humanas.

⁷ Em particular: J. Stéfani, *La voix pronomiale en ancien français*, Aix-en-Provence, 1962; J-C Chevalier, *Histoire de la syntaxe. La naissance de la notion de complément dans la grammaire française*, Genève, Droz, 1968

⁸ G. Mounin, *Histoire de la linguistique*, Paris, PUF, 1967; R.H. Robins, *Brève histoire de la linguistique*, Paris, Seuil, 1976.

Durante esses vinte anos, no entanto, a informação histórica quanto às transformações dos saberes sobre a língua se desenvolveu de maneira considerável. Nada o testemunha melhor, entre múltiplos trabalhos e realizações que não se saberia citar aqui, que os três volumes de *L'Histoire des idées linguistiques* concebidos e realizados sob a direção de Sylvain Auroux. A amplitude da informação, sua extensão cronológica e sua diversidade geográfica permitiram esclarecer processos cuja importância não tinha sido reconhecida até então. As conseqüências são múltiplas para a história das ciências da linguagem. A *constituição de uma memória da lingüística* por meio da historiografia recente desenha-se, assim, numa outra concepção. Ela vem, sem negar evidentemente a importância do acontecimento científico que representou o *Cours*, relativizar, no entanto, o alcance do “corte saussureano” na história da disciplina. O ensinamento de Saussure é uma das conseqüências do nascimento, ao longo do século XIX, da lingüística como “forma de saber e de prática teórica nascida (...) em um contexto determinado, que possui objetos determinados (o parentesco genético das línguas, a explicação histórica, as línguas nelas mesmas e para elas mesmas)”⁹; como é um dos efeitos teóricos das transformações das modas tecnológicas de comunicação na segunda metade do século XIX¹⁰. A relatividade histórica das correntes formalistas vindas do estruturalismo saussuriano parece que se inscreve em uma memória longa, e em uma história que não se limita às teorias lingüísticas. Em tal perspectiva, a lingüística que se desenvolveu sobre essa base é “uma forma de estruturação eminentemente transitória e está provavelmente desaparecendo sob nossos olhos”¹¹. E não o horizonte inultrapassável que se pressupunha freqüentemente e que, às vezes, ainda se imagina.

Nessa constituição de uma memória das ciências da linguagem dois textos merecem destaque. O primeiro de Sylvain Auroux reflete, com efeito, sobre as condições epistemológicas de

⁹ S. Auroux, *L'Histoire des idées linguistiques*, vol. I, p. 14.

¹⁰ NT. Ver: J-J Courtine, Les silences de la voix. Histoire et structure des glossolalies, *Langages*, 91, juin 1988, p. 12-3.

¹¹ S. Auroux, *ibidem*.

possibilidade de um trabalho que integra a historicidade como um de seus dados fundamentais no campo lingüístico. Seu trabalho propõe uma leitura crítica de redução, em uma perspectiva formalista, da criatividade à recursividade. Isso leva a colocar o problema, antigamente levantado por Saussure, da oposição entre uma língua-memória como atividade de classificação e uma palavra que manifesta as potencialidades criadoras do sujeito falante; ou ainda a interrogar a dicotomia, formulada mais tarde por Chomsky, da criatividade governada pelas regras, oposta a uma criatividade que muda as regras. A resposta considerada por Aurox consiste em recusar a única hipótese da língua, isto é, a assimilação de toda a atividade languageira a um cálculo: convém distinguir língua gramatical, engendrada pelos axiomas do cálculo e da língua, e língua empírica, na qual é preciso introduzir a historicidade e suas descontinuidades temporais, os sujeitos falantes e suas interações languageiras. A língua empírica pertence, portanto, à história e as atividades lingüísticas que aí se realizam são somente *subdeterminadas pela gramática*. Vê-se desenhar no horizonte dessa perspectiva uma rearticulação possível dos trabalhos sobre a língua e da dimensão histórica nas ciências da linguagem.

Um outro texto a que gostaríamos de fazer menção é de autoria de Jean-Louis Chiss e Christian Puech. Esse trabalho interroga diretamente a memória da lingüística, analisando o elemento essencial no qual está a referência a Saussure. O *Cours* é, como vimos, o “lugar de memória” fundamental da história da disciplina; ao redor dessa herança que reivindicam uns e que rejeitam outros se constituiu um trabalho complexo de memória que inclui diferentes operações discursivas: diversas estratégias de leitura (de legitimação ou contra-legitimação retrospectivas), várias modalidades de recepção (da redefinição dos contornos da obra a uma verdadeira rescritura do texto), diferentes limiares e momentos históricos no processo de leitura constante do qual o ensinamento saussureano foi objeto (a recepção inicial, a redescoberta, a inauguração de uma retórica da ruptura, mais a solidificação dessa última). Os autores discutem também sobre a opacidade do trabalho discursivo que se dá sob as evidências da referência a um nome próprio e do que seria o momento primeiro

de uma ciência da língua. O nome de Saussure condensa e precipita para a lingüística contemporânea ao mesmo tempo uma condição de possibilidade teórica e um conjunto de conceitos operatórios, mas também um lugar imaginário, um sonho de origem, uma utopia fundadora de cientificidade. É, também, e talvez, sobretudo nesse sentido, poderia se dizer de agora em diante, que há “dois Saussure”.

Instituições de linguagem, lugares de memória

O segundo objetivo do nosso texto é relançar o diálogo entre esses lingüistas para quem a perspectiva histórica conservou uma significação e certos trabalhos históricos recentes. Não mais, como ontem, na interdisciplinaridade abstrata de uma “articulação teórica”; mais modestamente, mas também mais concretamente. Nem restringindo o campo da interrogação à única história das teorias lingüísticas; mas sim destacando as conseqüências da profunda renovação de perspectivas que a história das mentalidades introduziu quanto às diferentes modalidades de existência histórica das práticas languageiras. Liberar e explorar, assim, campos em que possam se cruzar, por meio de vias novas, as problemáticas dos lingüistas e aquelas dos historiadores.

Basta somente, para ser convencido da existência de tal possibilidade, abrir pouco a pouco, ao acaso, um dos volumes do empreendimento historiográfico dos *Lugares de Memória*¹², organizado por Pierre Nora. Cairíamos de imediato nas mãos de uma ou outra linguagem que aí pululam: gêneros discursivos da oração fúnebre, a necrologia ou ainda o discurso em louvor a um morto, instituições de linguagem, com seus regimes e suas práticas de discurso: o *Collège de France* e seus cursos, os clássicos escolares e seus cânones, os salões e a arte da conversação, as formas de eloqüência que ficaram ligadas à cátedra, à tribuna ou ao foro; todo o espaço discursivo da comemoração: rituais verbais do 14 de julho, centenários dos

¹² P. Nora (Org.) *Les lieux de mémoire*, 7 vol., Paris, Gallimard, 1984-1992.

grandes homens e celebrações dos grandes acontecimentos; instituições-memória da própria língua: percepções do “gênio da língua”, acumulação dos “tesouros da língua”, *Histoire de la langue française* de F. Brunot, a Academia e seu dicionário, Pierre Larousse e o seu...

“Que outros lugares de memória para as palavras senão as próprias palavras?” pergunta-se, assim, Pierre Nora. Essa questão, que faz eco aos analistas antigos de Maurice Halbwachs e que reformula o ensinamento recente de Harald Weinrich, designa a realidade comum que exploram, à sua maneira, as diferentes contribuições reagrupadas aqui: *a linguagem é o tecido da memória*. Na França, acrescentar-se-á, de maneira mais explícita que alhures, em nenhuma parte, com efeito, foi estabelecida uma correlação tão acirrada entre o Estado, a língua, a sociedade e a cultura; em nenhuma parte um tal conjunto de instituições foi convocado para olhar pelas bases languageiras da memória republicana. Desse enraizamento da memória nacional na linguagem, dois textos também merecem nossas considerações, pois vêm analisar duas modalidades históricas essenciais.

Jean-Claude Chevalier estuda as condições de fabricação de uma memória da língua na monumental *Histoire de la langue française*, de F. Brunot. Ele mostra como, por meio da formação de Brunot, se constitui seu projeto. Ele restituiu o sentido político: a França, humilhada pela derrota, vai ter como fonte seu sentimento nacional em sua memória mais antiga, aquela da língua; como suas universidades reavivadas vão querer rivalizar com a universidade alemã sobre o terreno da predileção dessa última. Gramáticos, historiadores, patriotas, pedagogos e notáveis da República: a figura exemplar de Brunot, guardião da memória lingüística nacional, e sua monumental epopéia ilustram notadamente os jogos políticos cuja conservação da língua é o objetivo da França.

Qual país no mundo poderia, aliás, dividir-se com tanta durabilidade e com tanta violência sobre uma questão politicamente tão sensível quanto aquela da concordância do participio passado? Michel Arrivé examina em uma centena de anos três episódios dessa exceção francesa: a interminável,

embora esporádica, querela da ortografia. Ele coloca em destaque os paradoxos: esse debate que é somente uma questão de memória – o passado da língua escrita contém eternamente seu presente e seu futuro? – *é uma controvérsia sem memória*. Da nota de Octave Gréard, de 1893, à última polêmica datada, os mesmos atores se mobilizam, as mesmas posições se afrontam, os mesmos argumentos se trocam, às vezes, se antecipam em uma repetição que parece sem fim. Descobre-se, assim uma face obscura, distante e imóvel, da memória da linguagem na França: aquela da ligação nacional com a letra, cuja ortografia é o momento. A monumentalização da ortografia tem sua lógica: não há monumentos sem guardiões.

Memória e discurso: jogos políticos e culturais

Como as sociedades se recordam? E se aceitarmos a idéia que atravessa os artigos aqui brevemente considerados - de que a linguagem é o tecido da memória, isto é, *sua modalidade de existência histórica essencial* – verificaremos que essa questão se dirige diretamente às ciências da linguagem. Contudo, creio que essa questão reclama a análise dos modos de existência materiais, linguageiros da memória coletiva na ordem dos discursos. Dito de outro modo, em que medida a memória determina a ordem do enunciável?

Há pouco mais de uns vinte anos, tentei colocar um esboço de resposta para a questão na conclusão de um número de *Langages* consagrado ao discurso político¹³. No entanto, parece-me ainda que aspectos dessa problemática, inscrita na análise do discurso, guardam sua pertinência. Na *Langages* 62, tentei caracterizar o funcionamento do discurso comunista francês como memória coletiva, por meio de um conjunto de operações

¹³ J-J Courtine (org.) Este texto foi publicado na revista *Langages* 62, em 1981, com o prefácio de Michel Pécheux. Denise Maldidier (1990, p. 69) assim define esse texto de Courtine: “**uma tentativa de síntese extremamente brilhante entre as proposições de Foucault e a teoria do discurso**” (grifos meus). Ainda não foi publicado em português. Há, no entanto, com uma circulação restrita, uma tradução feita pelo professor Sirio Possenti.

discursivas que organizavam a lembrança, a repetição, mas também o apagamento e o esquecimento do que chamei o “domínio de memória”, do discurso, em referência à *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault. Quis mostrar, naquele texto, como se podia, a partir dessa memória ao mesmo tempo pletórica e lacunar, compreender os fatores propriamente discursivos do declínio do comunismo francês¹⁴.

Desde então, todo um conjunto de acontecimentos veio fazer da memória um jogo político e cultural fundamental. A participação das ciências da linguagem em debates nos quais a memória se tornou o objeto, parece-me, hoje, essencial. Os historiadores sentiram, por sua vez, a importância do jogo: os *lugares de memória* constituem, nesse sentido, um efeito reflexivo da aceleração da história contemporânea, do esgotamento da tradição, da erosão de certas formas de memória coletiva ressentidas em todo lugar nas sociedades ocidentais. E se deslocarmos os olhos em direção ao leste europeu, percebe-se facilmente a que ponto o problema da memória é essencial nas mudanças políticas que se desenrolam. A derrocada das ideologias-memórias comunistas e a decomposição dos discursos que as fundavam, o repentino levantamento do formidável recalçamento que elas impuseram à memória coletiva, o ressurgimento de memórias antigas enterradas na longa e surda duração das mentalidades, tudo isso fez do antigo bloco comunista, por um lado, um *laboratório da memória*: um espaço de fragmentação da memória coletiva e, por outro, um campo de batalha de memórias antagonistas¹⁵.

Nessa direção convém destacar ainda três artigos. Os artigos de Patrick Sériot e de Denis Paillard analisam dois aspectos do debate sobre a memória que causa raiva na ex-URSS.

¹⁴ NT. Ver em particular: J-J Courtine, Language, Political Discourse and Ideology, In: *Sociolinguística. An International Handbook of the Science of Language and Society*, U. Aummon, N. Dittmar, K. J. Mattheir (org.), vol I Berlin/New-York, Walter de Gruyter, 1987, p. 842-854; texto de apresentação de *Doctorat d'État* de lingüística sobre trabalhos, Universidade de Paris-X-Nanterre, Janeiro, 1989, p. 30-59; “*French communist. Rhetoric and the question of Memory*”, *Discours Social/Social Discourse*”, Summer/Fall, 1992, p. 145-154.

¹⁵ NT. Ver, por exemplo: *À l'est la mémoire retrouvée*, Paris, La Découverte, 1991.

P. Sériot retraça a história do discurso sobre a língua na Rússia, com o objetivo de mostrar em que esse discurso é fundador de uma memória e de uma identidade coletiva. Na cultura revolucionária dos anos 20, na “segunda cultura” stalinista a partir dos anos 30, no novo discurso político que se colocou com a Perestroika, na derrocada da URSS floresceu a temática da língua como memória do povo, avatar das ideologias lingüísticas do século XIX romântico. Por meio dessas diferentes escansões históricas aparecem, assim, formas de continuidade ancoradas de maneira antiga e profunda nas mentalidades: a idéia de uma memória nacional baseada na cultura e na língua de uma etnia. É precisamente este aspecto da cultura política mais recente da Rússia que Denis Paillard examina. Ele mostra a emergência nos anos 1968-1992 de um discurso sobre a memória, produzido pelo encontro do discurso nacional russo e dos resíduos do discurso stalinista. Ele descreve as figuras da Rússia e de seu Outro, do que a ameaçaria, tais como elas se desenham nos discursos nacionalistas, aquele do “combate-pan-russo” das “forças patrióticas” contra o regime de ocupação” (entenda-se: a democracia). O discurso nacionalista russo reencontra assim, a lógica do discurso stalinista. Nada de surpreendente nisso: o segundo era já a emanação parcial do primeiro. Aqui ainda se revelam profundas continuidades culturais sob as mudanças políticas.

O artigo de Denise Maldidier e de Jacques Guilhaumou nos leva a desembarcar no espaço mais familiar de nossa memória nacional, aquele da comemoração de 14 de julho do Bicentenário. Eles estudam a partir de um *corpus* de imprensa os efeitos de memória que ressuscitam o acontecimento. Sua perspectiva se inscreve na tradição de uma análise do discurso: ela constitui classes de equivalência em torno de sintagmas e de unidades lexicais (tomada da Bastilha, espectador, multidão). A análise mostra como efeitos de memória se organizam diferentemente em diversos sujeitos: o povo retoma a Bastilha. Ele se conduz como ator, quando se quer somente um simples (tele)espectador em 1989. E as evocações das multidões parisienses de hoje desencadeiam o ressurgimento a memória das massas revolucionárias. Ademais, Denise Maldidier se interroga,

com Jacques Guilhaumou, sobre o estatuto do discurso para o lingüista e o historiador. Permita-me, para concluir, passar a palavra a Denise uma última vez:

O historiador experimenta um certo mal-estar em constatar que a análise lingüística deixa de lado, na lógica de seu modo de compreensão e de questionamento, a novidade do acontecimento, que destaca enunciados atestados e raros (...). O desenvolvimento lingüístico permitiu, no entanto, apreender centralmente o que da memória persiste em se inscrever na materialidade da língua. As clivagens, privilegiadas por uma tal aproximação. Pensamos ter, assim, enriquecido a reflexão coletiva conduzida nesse texto sobre “modos de existência materiais da memória na ordem do discurso”, sem para tanto iludir o debate atual entre historiadores e lingüistas sobre a análise do discurso.